

FIFA se cala, e invasão dos EUA na Venezuela não deve impactar a Copa

A meses do Mundial, Copa do Mundo não será afetada pela invasão de Trump

Por Pedro Lopes e Thiago Arantes
(Folhapress)

A intervenção militar dos Estados Unidos na Venezuela dificilmente terá impacto direto na Copa do Mundo. O evento será entre 11 de junho e 19 de julho deste ano e terá como anfitriões os estadunidenses, além de México e Canadá.

Apesar da complexidade do cenário geopolítico, a avaliação no futebol internacional é que não há, neste momento, qualquer indicativo concreto de sanção que atinja os EUA - tanto no âmbito da federação de futebol quanto na organização do evento.

Em 3 de janeiro, uma operação sob as ordens de Donald Trump capturou o mandatário venezuelano Nicolás Maduro e sua esposa. O presidente dos EUA anunciou, nos dias seguintes, que coordenará um governo de transição no país sul-americano. Na última semana, governos e organismos multilaterais discutem possíveis violações de soberania, mas as tensões não se traduziram em consequências no futebol.

Historicamente, a FIFA só se move quando conflitos externos passam a interferir diretamente na organização de competições, no funcionamento das federações ou na viabilidade de jogos oficiais - o que, até aqui, não ocorreu.

O que diz o estatuto?

O Estatuto da FIFA prevê a possibilidade de suspensão de membros, mas estabelece critérios claros. Pelo artigo 16, uma federação só pode ser suspensa se houver violação grave de suas obrigações, decisão que cabe ao Congresso - por maioria qualificada - ou, de forma provisória, ao Conselho.



Casa Branca

FIFA faz vista grossa quanto a invasão americana à Venezuela e Copa do Mundo seguirá nos EUA

Não há previsão de punição automática por guerras, intervenções militares ou decisões de política externa tomadas por Estados nacionais. O foco do Estatuto está em temas como interferência estatal direta nas federações, discriminação, descumprimento de deveres institucionais e ameaça à integridade das competições.

O texto também reforça princípios como neutralidade política, promoção de relações amistosas e respeito aos direitos humanos, mas sem atribuir à FIFA o papel de árbitra da política internacional. Na prática, a Fifa age quando o futebol deixa de funcionar.

“Se a FIFA aplicasse seu Estatuto à risca, já poderia ter punido, por exemplo, Qatar, Arábia Saudita e China, só para citar alguns, devido ao fato de que, na prática, as federações nacionais destes países não têm independência dos Estados e, em última instância, quem manda é o poder governamental, o que fere

diretamente a exigência de não intervenção estatal nas federações previstas no Estatuto da FIFA”, afirma advogado Eduardo Carlezzo, especialista em direito esportivo.

Sobre a hipótese de punição aos Estados Unidos, Carlezzo é categórico. “A possibilidade da federação norte-americana de futebol ser punida devido aos fatos que presenciemos na Venezuela é nenhuma, por uma série de razões. A primeira, e mais óbvia, é a Copa do Mundo neste ano. Além disso, não podemos esquecer que Infantino e Trump mantêm uma relação muito próxima, a FIFA premiou Trump com o seu ‘Nobel da paz’, a FIFA possui um escritório fixo em Miami e os Estados Unidos não são a Rússia”.

Por que a Rússia foi punida?

A suspensão da seleção e dos clubes da Rússia, em 2022, costuma ser usada como referência, mas o contexto foi diferente.

A decisão não ocorreu apenas pela invasão da Ucrânia - até porque o conflito começou em 2014, quatro anos antes do Mundial de 2018, na própria Rússia. O fator determinante, neste caso, foi a ameaça concreta de boicote.

Polônia e Suécia, adversárias dos russos na repescagem europeia para a Copa do Mundo de 2022, anunciaram que não entrariam em campo. Com jogos inviabilizados e o calendário em risco, a FIFA suspendeu a Rússia dois dias depois.

Foi uma medida com uma motivação muito mais esportiva do que política: o futebol, naquele momento, deixou de funcionar.

A questão de Israel

No caso de Israel, apesar de críticas públicas, protestos e posicionamentos políticos de algumas federações, nunca houve ameaça direta de boicote a partidas marcadas.

A Espanha chegou a declarar que não disputaria uma Copa do

Mundo caso Israel se classificasse, mas tratava-se de uma hipótese futura, sem impacto imediato no calendário. Como Israel não conquistou uma vaga no Mundial, a hipótese de um encontro entre as duas seleções está descartada.

A Noruega, um dos países mais vocais contra os ataques a Gaza, optou por reverter a renda do jogo contra Israel, pelas Eliminatórias, para as vítimas do conflito. Mas, em nenhum momento, a realização da partida foi colocada em risco. Sem jogos ameaçados, a Fifa manteve sua postura de neutralidade.

Israel disputa as Eliminatórias da Uefa, contra rivais europeus, por uma questão política: seria inviável jogar na Ásia, diante do boicote de vários adversários. No passado, a seleção também já fez parte da confederação da Oceania. Em 1970, na única vez em que se classificou para a Copa, teve de ser sorteada em um grupo diferente de Marrocos, que ameaçava boicotar o torneio.

Sem boicote, sem problemas

No caso dos Estados Unidos, o cenário é ainda mais distante de qualquer sanção. Não há ameaça de boicote à Copa do Mundo, nem mesmo por seleções que poderiam ter razões políticas para isso, como Irã ou Haiti. Nenhum jogo está em risco, e a organização do Mundial segue normalmente.

Antes do sorteio dos grupos, em dezembro, a imprensa mexicana chegou a noticiar que o Irã seria sorteado no grupo do México, para não ter que jogar nos Estados Unidos durante a primeira fase. As bolinhas colocaram os iranianos no Grupo G, com Bélgica, Egito e Nova Zelândia, e três jogos nos EUA.

Vitória e Mixto disputarão a Série A1 do Brasileirão Feminino 2026

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) informou que, em decorrência das desistências de Real Brasília e Fortaleza, o Esporte Clube Vitória e o Mixto Esporte Clube participarão da edição de 2026 do Campeonato Brasileiro Feminino A1.

O Real Brasília integrava a Série A1 de forma ininterrupta desde a temporada de 2021. O Fortaleza, por sua vez, garantiu o acesso à elite da competição ao

se classificar para a semifinal do Brasileiro Feminino A2 de 2025.

Com base nos critérios aplicados pela CBF e na necessidade de reorganização dos clubes participantes, as vagas abertas foram preenchidas conforme o desempenho mais recente das equipes na segunda divisão.

Vitória e Mixto, que terminaram a Série A2 do ano passado na quinta e sexta colocações, respectivamente, assumirão as vagas.



Fabio Souza/CBF

Equipes ocuparão vagas de Real Brasília e Fortaleza